

A ALFABETIZAÇÃO DE AUTISTAS, UMA CONQUISTA QUE VALE UM LETRAMENTO

SILVANA AZEVEDO BASTOS¹

RESUMO

A luta para fazermos uma inclusão de Pessoas com Deficiência nas escolas não é fácil, principalmente na Rede Pública. Como afirma a Declaração de Salamanca, Incluir, mas com qualidade na Rede Regular de Ensino, logo o trabalho didático é fundamental, que não envolve somente a escola e a sua equipe pedagógica, mas a família os órgão da Saúde Pública e outros setores da sociedade. Ter o aluno autista em mãos e fazer valer pelo menos um exigência básica: o aluno aprender a ler. Sem exagero, essa exigência é uma odisseia até para os alunos sem comprometimentos, sem ser um discente com necessidades educativas especiais, as Pessoas com Deficiência-PcD. Considerando neste âmbito, um país que não valoriza a Educação nem a Saúde. Como trabalhar com pessoas com o Transtorno do Espectro Autista-TEA, alfabetizá-las em idade convencional, onde muitas das vezes o diagnóstico já chegou tardiamente, em muitos casos adolescente ou adultos, devido as condições sociais e econômicas que se encontra as famílias. O laudo deveria ter sido fechado aos três anos de idade para que todo o processo de estimulação que o aluno necessita devido a sua peculiaridade, mas isso não foi possível e agora e recuperar o tempo perdido. Detalhe corriqueiro e inconveniente na unidade pública, pois o aluno autista precisa começar o processo de alfabetização antes da idade convencional. Para recuperar tempo o Docente deve estar capacitado, mas não somente o professor e sim toda a equipe de uma escola inserida em um contexto de uma comunidade complexa.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Autismo, Escola Pública, Capacitação dos Professores.

1 Pedagoga formada pela UFF, Orientadora Educacional da Rede Municipal de São Gonçalo/RJ, Técnica em Assuntos Educacionais da UFRJ. Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, em Psicologia Clínica e Institucional e em Educação Especial, na área do TEA.

INTRODUÇÃO

Realmente podemos declarar que o povo brasileiro não tem o hábito da leitura, mas aos poucos estamos vencendo, através de Bienais e Feiras Livres cada vez mais presente em várias cidades brasileiras, considerando que a população está mais escolarizada, muitas famílias estão tendo o seu primeiro integrante com nível superior. Embora ainda convivemos com o analfabeto funcional ou seja o indivíduo lê, mas não tem grande poder de interpretação.

É de conhecimento de todos que 6,6% população com mais de 15 anos é analfabeta neste país. Infelizmente a taxa de pessoas com 25 anos que concluíram o Ensino Fundamental de 8º ano, segundo a pesquisa feita, em 2019, pelo IBGE.

Devido a esses consideráveis dados, a modalidade Educação de Jovens e Adultos deve ser algo presente na sociedade não somente para acomodar os alunos que não concluíram o

Ensino Básico, que não foram certificados com o Ensino Fundamental e Médio, mas porque esta modalidade citada é um reduto de Pessoas com Deficiência-PcD, antes chamados de alunos especiais. Considerando que nos últimos anos tem sido um espaço também para os idosos, população que vem aumentando no país, devido a longevidade e felizmente sendo cada vez mais presente em sala de aula.

Segundo o Ministério da Educação O número de matrículas da educação especial chegou a 1,3 milhão em 2019, um aumento de 5,9% de 2018 para 2019 e de 34,4% em relação a 2015. O percentual de alunos com deficiência, autismo, foco do estudo, matriculados em classe comuns tem aumentado gradualmente para todas as etapas de ensino.

Podemos declarar que devido à crise econômica que se concretizou com afinco a partir de 2016, somando com a pandemia, que teve início no ano letivo de 2020, as escolas públicas passaram a receber muitos discentes com peculiaridades e limitações, provindos de escolas particulares.

Alguns desses discentes, já portando laudo médico outros em processo conclusivo pois eram oriundos da rede particular, supondo-se melhores condições financeiras. Outros alunos, provindos de famílias muito humildes, nem havia se quer comparecido a uma consulta médica com o neurologista e psiquiatra. Essas duas especialidades

médicas são fundamentais na vida de um pessoa como o Transtorno do Espectro Autista-TAE.

Vivemos em um país que a Educação nem a Saúde são prioridades. Quando trabalhamos com a Educação Especial vamos precisar tanto de um sistema eficiente por parte do Sistema da Educação como do Sistema da Saúde. A exposição será a respeito da Educação Especial, especificamente o autismo e focaremos a alfabetização dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista- TEA e similares como Síndrome de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento-TGD.

Logo, com o apoio da Saúde, teremos em mãos um laudo médico com Código Internacional de Doenças – CID, visitas constantes ao setor de neuropsiquiatria, sessões com psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Obviamente também haverá consumo de medicamentos, que estarão sujeitos à substituições.

Os Portadores do Espectro Autista –TEA e similares possuem várias comorbidades, as mais comuns são hiperatividade, bipolaridade, problemas gástricos, cardíacos, alérgicos, oftalmológicos entre outros conforme descreve Leboyer, 2013.

A Escola que será o nosso cenário está localizada no Jardim Catarina, um dos maiores loteamento da América Latina, situado na 2ª cidade mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, 16ª do país. Em São Gonçalo, obviamente, por uma questão de proporcionalidade há muitos alunos com as características que vamos expor. Levando em conta que a média de incidência do TEA é de 1% da população.

A Escola Municipal que será a referência “concorre” com mais três escolas municipais e com algumas escolas particulares, mas é a favorita do bairro, foi modelo na Rede. Mantem três turnos, manhã, tarde e noite com o Ensino Fundamental completo do primeiro ano até o nono ano.

Mas vamos centralizar o TEA e as suas possibilidades e limites de como alfabetiza-los. Para recebermos um aluno com essas características, em uma escola é necessário um preparo, que não se limita no professor, que deve ter um bom conhecimento, não só teórico, mas na prática didática, uma competência eminente de toda uma equipe da unidade escolar.

Poderíamos começar com o pessoal da Secretaria da Escola, considerando a hora da matrícula. Saber a peculiaridade, singularidade, inerência, as evidências mais afloradas. Ressaltamos que nesse

momento muitos pais omitem grandes detalhes relevantes. As nuances são explícitas, quando é feita a entrevista.

Em alguns casos é pertinente que o aluno visite a escola vazia, apenas com os funcionários e circule pelos diversos setores. No início das aulas permaneça em tempo reduzido e gradativamente aumente o período de permanência. Lembrando que há autistas de grau leve, moderado e severo.

O outro funcionário é o Inspetor de Turma, que circula por todos os espaços da unidade e está no horário do recreio, no pátio e no momento do lanche, no refeitório. Levando em conta que os autistas possuem um comportamento intrínseco, muitos são agressivos, não suportam novidades, a quebra de rotina, o tumultuo de pessoas, são resistentes à dor e bizarros nas respostas emocionais.

É indispensável O trabalho do Auxiliar de Serviços Gerais, até mesmo a hora da limpeza, isso porque o autista tem manias, rituais, locais e horas certas, rotinas que devem ser seguidas. A arrumação das carteiras e o uso de produtos de limpeza são relevantes, pois há muitas comorbidades, conforme já citado, entre elas alergias, além dos seus sentidos serem aguçadíssimos. Uma sala silenciosa, com poucos alunos e sem muitos detalhes nas paredes podem influenciar o bom aprendizado.

A atuação da equipe que elabora as refeições, os Merendeiros, não podem ser dispensadas. A alimentação é um dos quesitos mais importantes, pois os portadores do TEA são seletivos no que consomem. Levando em conta que estamos em um processo de Inclusão, a qualidade da merenda é um detalhe que deve levado para o Setor de Nutrição Escolar do Órgão superior que comanda a unidade, analisando as considerações de Marcelino, 2018 e as citações de Sandberg e Batejan, 2017.

Mas a articulação do trabalho continua com o Orientador Pedagógico-OP, com o Orientador Educacional-OE a articulação deve ser recíproca. O OP tem que assessorar o docente, possibilitando as alterações e adaptações no conteúdo das disciplinas, analisando a melhor forma de aplicar as avaliações pedagógicas, evitar que o aluno com o TEA seja retido.

O OP é o profissional mais corriqueiro, pois analisa as questões mais burocrática, a produção do docente, o nível da aprovação, os dias letivos, as questões curriculares. Enquanto o OE é voltado para as questões do aluno, na prática é o “psicólogo imediato”. Muitos municípios

não possuem este cargo no seu quadro funcional, que é imprescindível, principalmente no momento atual, cujo o número de Pessoas com Deficiência- PcD vem crescendo na Rede Pública Educacional de todo o país. O OE integra o Serviço de Orientação Educacional-SOE e acompanha o aluno no seu desenvolvimento escolar.

O autista tem a sua linguagem limitada e podem variar de graus, leve moderado ou grave, conforme já foi mencionado. Nas entrevistas realizadas pelo Serviço de Orientação Educacional-SOE com os responsáveis, um questionário que ajuda muito estipular e a CARS², ABC³ ou a M-CHAT⁴, entre outros. Com as informações obtidas através destes questionários além da anamnese, pode ser elaborado um relatório para o setor de neuropsiquiatria, caso o aluno não tenha laudo médico, com CID.

Entretanto, caso já tenha o CID, os relatórios sempre devem ser atualizados e destinados aos mais distintos setores como o de psicologia e fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, fisioterapia, psicopedagogia, além do setor médico, que o acompanha, pois sempre há alterações de comportamento e humor, avanços e regressos no que diz respeito a aprendizagem. Mediante o contexto apresentado o OE é o profissional mais indicado.

Podemos mencionar que é indispensável o SOE, principalmente, e os docentes da unidade terem entendimento de métodos abordados com os autistas, como o ABA, sendo o mais conhecido, o PECS, mais famoso pelo nome de “sistema de figurinhas”, que pode ser um grande apoio na alfabetização. Mencionando também o TEACCH, o FLOOR TIME, o PADOVAN, o SCERTS, o Son-Rise, entre outros.

Precisamos ter em mente que o TEA é uma situação para toda a vida e nos, como profissionais da Educação, devemos conscientizar os seus familiares. Na escola preparar e capacitar os docentes não somente no ato de alfabetizar e nas ações seguintes do conteúdo escolar, mas saber confrontar o bullying. Trabalhar com os demais alunos da turma e da escola, além sensibilizar a questão perante os pais

2 CARS é a sigla para Childhood Autism Rating Scale ou Escala de Avaliação do Autismo na Infância.

3 ABC Autism Behavior Checklist ou Lista de Verificação do Comportamento do Autismo

4 M-CHAT Escala Modified Checklist for Autism in Toddlers ou Lista de Verificação Modificação da Escala para Autismo em Crianças

e familiares de outros discentes. Enfim de toda uma sociedade que aceite as diferenças.

METODOLOGIA

Como profissionais da área, temos que nos conscientizar que nem todos os autistas podem ser alfabetizados, pois pessoas TAE que falam apresentam mais chances de aprender a ler do os que não falam. A ausência da fala costuma estar relacionada a atraso significativo no desenvolvimento e a maiores déficits cognitivos. Apesar dessas dificuldades, algumas pessoas não falantes com autismo demonstram grande interesse por palavras escritas; nesse caso, deve-se considerar a possibilidade de ensinar a esses educandos algumas relações entre palavras escritas e figuras do cotidiano, referentes a itens de interesse do aprendiz. Para uma pessoa que não fala, aprender a identificar algumas palavras escritas em seu cotidiano pode melhorar muito a compreensão do ambiente e favorecer a interação social, segundo Gomes, 24, 2015.

Sabemos que a criança com autismo tem certa dificuldade de sustentar o “olho no olho” e acaba direcionando o olhar para a nossa boca ou para outro local. Essa diferença é muito sutil e por isso deve ser avaliada com atenção. Ao sustentar o olhar nos olhos do interlocutor, a criança tem a possibilidade de entender as sensações e emoções que estão feitas perguntas sobre a emoção de um personagem, sobre o que o autor quis dizer, quais foram os sentimentos expressos no determinados parágrafos, entre outras questões de interpretação. (SERRA, pag. 5).

Uma outra advertência é que realmente é necessário a criança autista começar a ser alfabetizada antes do período convencional, que seria entre 6 e 7 anos de idade, mas uma criança com o TEA deve iniciar a alfabetização com afinco aos 4 anos de idade para evitar “eventuais” atrasos, sendo esta a observação de Gomes, pag. 23, 2015.

Esperamos que a criança faça uma imitação espontânea já por volta dos treze meses, quando a ensinamos a bater palminhas, por exemplo. Em geral, uma criança autista com 6-7 anos não imita ou então tem uma imitação atrasada, ou seja, aquela em que a criança ouviu uma frase há um tempo e acaba repetindo fora de contexto. A criança precisa repetir o fonema que o docente está emitindo, imite a escrita, pois a cópia é uma forma de imitação. Um ótimo exercício

para isso é utilizar o espelho. Se a criança é muito refratária à questão da imitação, pode-se induzi-la imitando seus gestos: se a criança bate na mesa, você bate também, colocando-se à frente dela como se fosse um espelho ou uma sombra. As imitações motoras são também bastante atrativas: brincar de bola, pular em uma cama elástica, jogar bolinhas para o alto... Ensinar a criança a imitar coisas simples e através da brincadeira auxiliará muito na imitação da escrita, que nada mais é do que uma cópia, explica Serra, 2020.

Para alfabetizar o aluno com TEA, além das preliminares já citadas, uma sala com poucos alunos para fazer menos ruídos e movimentos evitando tirar a atenção do aluno em questão, uma Sala de Recursos⁵ e um Professor de Apoio⁶ são bem vindos. O professor regente da classe não fica isento do compromisso, deve ter conhecimento e habilidades didáticas para articular a singularidade do discente.



Figura 1- Material de alfabetização e associação de ideias

Fonte: Arquivo particular

- 5 A Sala de Recursos é um espaço que não é somente para o aluno Portador de Necessidades Educativas Especiais e sim de multiplas atividades necessárias, não especificamente para o PcD. Lembrando que nem todas as unidades escolares de São Gonçalo possuem esse espaço multidisciplinar.
- 6 O Professor de Apoio é um cargo criado recentemente, teve início em 2013, na Prefeitura de São Gonçalo, o ingresso é mediante ao Concurso Público, onde é exigido além da formação básica um curso de 120 horas voltado para a Educação Especial. Recentemente passou existir o cargo de Cuidador, sendo necessário Ensino Médio e mais um curso específico na área.



Figura 2- Lápis adaptado para autistas

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Autismo-brilhante-caligrafia-treinamento>

Enfim considerando que todos devem colaborar e contribuir para a boa alfabetização e posteriormente letramento. Considerem mais esses macetes, como o uso do pincel, de lápis mais grossos, pois os alunos com TEA possuem dificuldades motoras. Não devemos exigir que o aluno escreva com letras cursivas, devido a sua motricidade, essa conquista pode ser adiada. Evite o material com muita cor, cores fortes, paredes com muitos quadros ou murais, percebam também a claridade muitos autistas são sensíveis à luz, a locais muito quentes, que entra mormaço. Manter sempre poucos objetos e utensílios sobre a mesa de trabalho, reduzir as informações, passar os conteúdos por etapas.

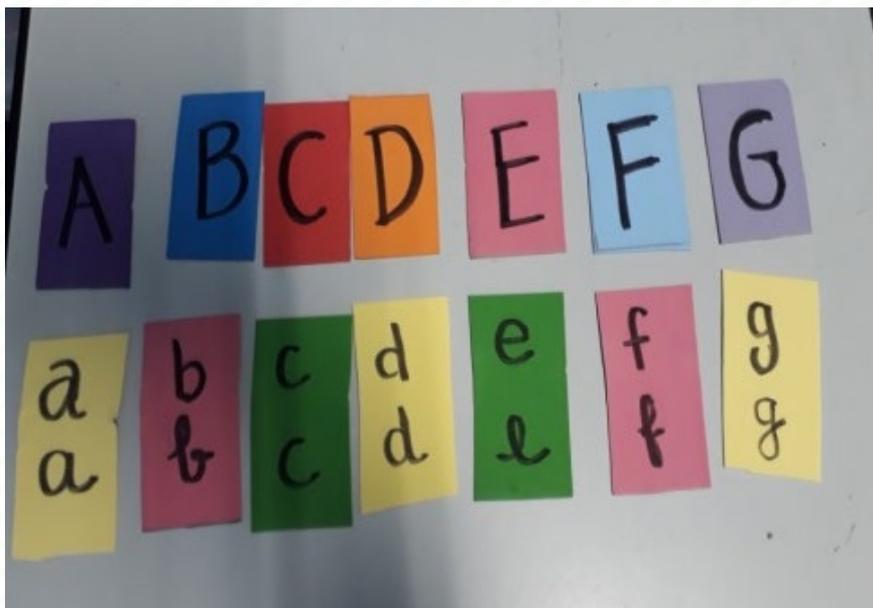


Figura 3 - Letras moveis, maiúscula e minúscula

Fonte: Arquivo particular

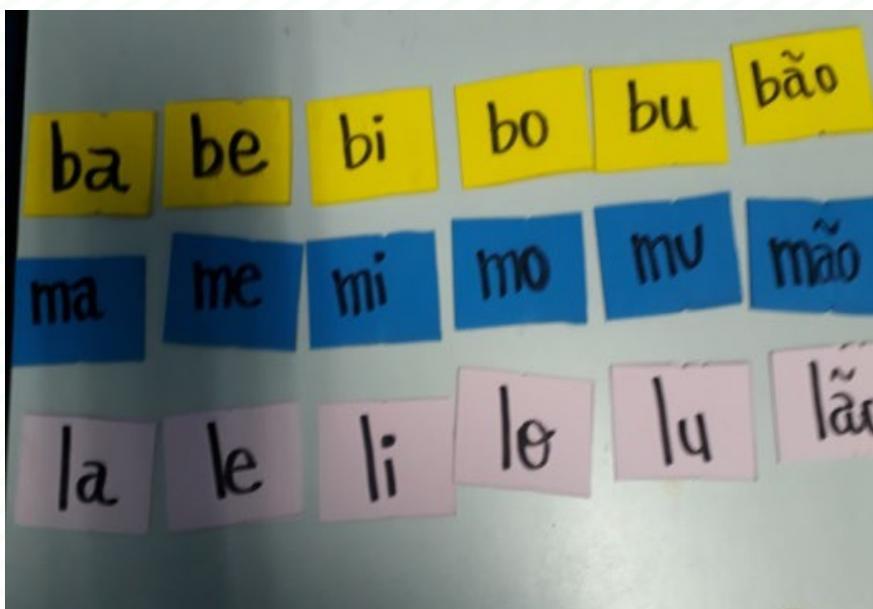


Figura 4 – Sílabas moveis

Fonte: Arquivo particular

O autista presta a atenção em tudo, possui uma memória fotográfica eficiente, podemos aproveitar, por isso temos que ter concentração em sala de aula. Ressalto que não é viável ter um aluno com Síndrome de Down, por exemplo, que exige um trabalho de estimulação, no mesmo ambiente que um autista, que precisa de concentração.

O espelho pode ajudar, a música é conveniente porque estimula a oralidade trabalha a rima. O som dos instrumentos musicais, as músicas clássicas permite na maior parte dos autistas grande concentração. Não é viável solicitar à criança que cubra os pontinhos, pois ela não entende que tem que cobrir e sim acabar reproduzindo os pontinhos.

O momento dos trabalhos artísticos e de extrema importância O autista deve dispor de todos os tipos de pintura. Ter acesso a utensílios, elementos palpáveis, como papelão, palitos, sucatas, massinhas, areia, vários materiais com textura diferenciada para desenvolver o tato a coordenação motora e estar hábil para a escrita.

RIMA - RIMA

Recorte as figuras abaixo e cole-as nos lugares certos. Depois, copie no seu caderno.



rima com



rima com



rima com



rima com



rima com

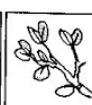


Foto 5 - Rimas

Fonte: <https://www.ganhesempremais.com.br/educacao/atividades-e-estrategias-para-trabalharhabilidades-de-rimas-com-criancas-que-tem-tDAH-dislexia-autismo/>

Entretanto há casos de **Hiperlexia** porque na criança com TEA, a memória, às vezes, tem um potencial muito grande, mas não é uma memória de qualidade, ou seja, é um grande banco de dados, onde se registra informações que não podem ser processadas. A criança memoriza um grande número de palavras mas não faz a relação, por exemplo, da sílaba MA de MACACO com a sílaba MA de MALA. A hiperlexia ocorre também pelo fato de que a criança com TEA possui dificuldade na interação social, o que faz com que ela aprenda de forma muito autônoma. Outra fato que faz com que a hiperlexia se dê é a alteração nas percepções (SERRA, pag. 30).

Esse é um detalhe muito importante, pois o profissional que coordena a alfabetização não deve incentivar o prosseguimentos dessa leitura. Caso se transforme em uma espécie de compulsão e a criança queira ler absolutamente tudo que está ao seu alcance, o que devemos fazer é contextualizar, utilizando o objeto de leitura de forma generalizada.

Uma estratégia é fazer com que a criança desenhe aquilo que está supostamente lendo, para dar início a uma representação gráfica, apresentar livros que possuem imagens com a idade compatível da criança explica Serra.

O docente que já trabalhou com a alfabetização de autistas já se deparou diversas vezes dentro deste contexto, na escola popular pública. Isso sucede muita das vezes porque os alunos das classes populares são diagnosticados com o TEA tardiamente e processo precoce de estímulo não foi realizado. Lembrando que tem que ter sentido emoção entre a palavra.

A consciência fonológica é importante no processo de alfabetização, quando dizemos para uma criança típica que $M + A = MA$, ela entende, mas uma criança autista vai entender que $M + A = \text{“emeá”}$. E aí está a importância de tratarmos o som das letras, sendo fundamental o apoio paralelo do fonoaudiólogo.

O docente teve também ter uma rotina clara em sala de aula. A espera do lado de fora da sala até chamar para entrar, o comando para sentar, tirar o material da mochila, a chamada, começa do mesmo jeito. Se possível permita que o aluno se sente no mesmo lugar, pois é menos confinado pelos outros. Permita que os livros estejam sempre organizados e os demais materiais posicionados nos seus respectivos locais. Para um autista é importante a organização. As instruções devem ser

claras de preferência por escrito, inclua o número de páginas, número as questões. Lembrando que é menos viável o trabalho em grupo e as tarefas para serem realizadas em casa devem ser evitadas devido ao cansaço, resume Hudson, 136-140, 2019.

REFERENCIAL TEÓRICO

Já no final do século XIX e início do século XX, já havia estudos referentes, como os de **Eugen Bleuler** e **Howard Potter** médicos psiquiatras. Porém foi somente no período da II Guerra Mundial que os estudos foram aprofundados e denominados, sendo o psiquiatra mais conhecido **Hans Asperger (1901-1980)**, neste período como descreve a obra de Sheffer, 2019.

Leo Kanner, (1894-1981), médico psiquiatra austríaco, que estudou na Alemanha e se radicou nos Estados Unidos, havia publicado, em 1943, a obra "*Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*". Uma tese parcialmente antiga é a que afirmava que pais poucos carinhosos, que não estimulavam ativamente seus bebês, poderiam contribuir para o desenvolvimento do autismo. Entretanto essa tese foi questionada pelo psicólogo alemão, radicado nos Estados Unidos **Eric Schopler**, (1927-2006), pois os demais filhos desses mesmos casais não apresentavam o mesmo detalhe peculiar, o autismo. A psiquiatra e psicanalista naturalizada americana **Margaret Mahler** (1897-1985) definiu o Autismo como psicose simbiótica, atribuindo a causa da doença ao mau relacionamento entre mãe e filho, em 1975. O psicólogo e também psiquiatra, **Michael Rutter** classificou o Autismo em quatro critérios distintos: comportamentos incomuns com início antes dos 30 meses de vida. A psiquiatra inglesa **Lorna Wing** (1928-2014) em 1981, desenvolve o conceito de autismo, seu trabalho revolucionou a forma como o autismo era considerado, e sua influência foi sentida em todo o mundo.

O psicólogo norueguês radicado nos Estados Unidos **Ivar Lovaas** (1927-2010) publica um estudo sobre a análise do comportamento, demonstrando os benefícios da terapia comportamental intensiva. Durante os anos 1980 e 1990, a terapia comportamental e os ambientes de aprendizagem altamente controlados emergem como os principais tratamentos para o autismo e condições relacionadas. Lovaas foi o grande precursor do método ABA, o mais conhecido para

o desenvolvimento dos autistas, baseando-se nos estudos de Skinner (1904-1990) e outros especialistas.

Situando a Alfabetização e o letramento podemos citar Magda Soares e Emília Ferreiro. Sempre presente, quando o assunto é Educação Especial associada a questões sociais, linguagem e zona proximal, Vigotski, Lúria, Bronfenbrenner e Maria Montessori. Focando o alfabetização do Autista lembramos de Emilene Coco dos Santos, Carol Mota, Jaqueline Araújo Civarde, Saddo Ag Almouloud, Marcio Dicastro e a consagrada Deyse Serra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Prefeitura Municipal de São Gonçalo mantém duas instituições voltadas para o Autismo, uma localizada no Gradim, fundada em 2019 e a outra no Centro da cidade, fundada recentemente, em 2022, ambas distantes do bairro do Jardim Catarina. Lembrando que a primeira Clínica-Escola do Brasil voltada para essa especialidade foi na cidade de Itaboraí, em 2014, município vizinho a São Gonçalo.

Na localidade do Jardim Catarina há apenas três Postos de Saúde, onde não há Neurologistas e Psiquiatras. Induzindo assim os familiares de crianças autistas a procurar a mesma especialidade em outros locais, sendo algo muito improvável, pois a dificuldade permite a proteção e até mesmo a desistência. A situação pode piorar quando a consulta é feita e o profissional alega que o aluno não tem *absolutamente nada*. Essa desculpa não é rara, pois o profissional da área médica se depara com um aluno pobre, morador de comunidade, proveniente de família com comprometimentos psicossociais, de pais com contravenção com Justiça, o profissional fica em um situação impotente, porque sabem que muitos não vão poder arcar com um tratamento convencional voltado para o Transtorno do Espectro Autista-TEA.

Esse quadro abrange os profissionais de apoio como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas que além de serem reduzidos no Sistema Único de Saúde-SUS, na cidade de São Gonçalo devido à densidade demográfica não da vazão, mas ressaltamos que muitos desconhecem os métodos voltados para o TEA, já mencionados como o TEACCH, o FLOORTIME, o PADOVAN, o SCERTS, o Son-Rise, entre outros.

Entretanto temos um contratempo também entre os Profissionais da Educação, que inclui principalmente os docentes, pois muitos ainda não dominam as habilidades mínimas de trabalhar com alfabetização de discentes como o TEA, foco do assunto em evidência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os moradores do bairro são pessoas humildes, onde a metade da população não tem o Ensino Fundamental concluído. Muitos vivem de serviços sem registro, são funcionários da construção civil, trabalham em residências da cidade de Niterói ou vivem de Bolsa Família. Na cidade apenas 7% da população conclui o Ensino Superior e a média salarial é de um pouco mais de dois salários mínimos de acordo com o último Censo de 2010.

Os alunos com alguma limitação relevante, chamados de alunos Portadores de Necessidades Educativas Especiais, os PNEE, já lembrados as PcD, começaram a serem recebidos nas unidades da rede regular a partir dos anos 90 e até hoje as escolas brasileiras estão no processo de adaptação. Mas não pensem que os países do desenvolvidos não passam pelos seus momentos, levando em conta que o autismo foi descoberto nos anos 40, mas estudado profundamente a partir dos nos anos 70.

Tudo ainda está sendo concebido, processado, quando pensamos em Letramento para um aluno com autismo, que é mais do que uma simples alfabetização, temos que pensar na Hiperlexia. O Letramento é o oposto da Hiperlexia, mas não podemos desistir mediante as dificuldades apresentadas não somente na cidade evidenciada, pois é uma realidade geral, em todos os municípios deste país. Poucos professores dominam as habilidades de alfabetizar um aluno com TEA.

Para trabalharmos bem pedagogicamente e didaticamente precisamos de apoio, mas infelizmente deixa a desejar em todos os sentidos. Desde o diagnóstico tardio até o acompanhamento com as terapias sendo precários, insuficientes e sem estudo visível da singularidade do autista, por parte dos profissionais da Saúde. Lembrando que cada autista tem a sua inerência. O professor docente se sente desamparado, sem assessoria e os familiares muita das vezes passam a não dar crédito ao trabalho da escola e de projetarem melhorias com relação ao autista em questão.

Os profissionais da educação para reverter a situação é permanecer militando, ter resiliência, convencer os familiares, mas não vê-los como incapazes. A informação para a atuação, a persistência para a conquista.

REFERÊNCIAS

IBGE. EDUCA <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/censo-escolar#>:

BRASIL. Congresso Nacional . Constituição Federal, Brasília, 1988.

BRASIL. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista-TEA. Lei 12.764 de 11 de dezembro de 2021.

_____. Conselho Nacional da Educação Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.

_____. RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

HUDSON. Diana. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

GOMES. Camila Graciella Santos. **Ensino de leitura para pessoas com autismo.** Curitiba: Appris, 2015.

MARCELINO, Claudia. **Autismo, Esperança pela Nutrição.** São Paulo: Editora M.Book, 2ª edição, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**, Brasília, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO. RESOLUÇÃO DO C.M.E. Nº 001/14 de 29/01/2014. CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO GONÇALO-SEMED, Normas Para Atendimento Educacional Especializado Na Rede de Ensino de São Gonçalo, 2014.

_____. LEI Nº 8/2003. **Dispõe sobre o plano de carreira do magistério público municipal e funcionários da educação**, 2008.

_____. Portaria SEMED/010/04 Homologa o Parecer 004/04 do Conselho Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. São Gonçalo, 25 de outubro de 2004. <https://acedhe.files.wordpress.com/2011/08/regimento-escolar-do-munic3adpio-de-sc3a3o-gonc3a7alo.pdf>

LEBOYER, Marion. "Autismo Infantil, Fatos e modelos", Campinas, Editora Papirus, 4ª edição, 2003.

SANDBERG Elisabeth Hollister. BATEJAN Kristen L. **"Suplementos Nutricionais"** in Breve Guia para Tratamento do Autismo. SANDBERG Elisabeth SPRITZ, Becky L. (organizadoras), São Paulo: Editora M. Books, 2017.

SERRA, Dayse. **Alfabetização para Autistas. Neurosaber**, 2020. Disponível no site: <http://www.associacaoinspirare.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-para-autistas.pdf>

SERRA, Dayse. **"Alfabetização de alunos com TEA"**, VOL1. Editora WAK, Rio de Janeiro, 1ª edição, 2018.

SERRA, Dayse. **"Alfabetização de alunos com TEA"**, VOL2. Editora WAK, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2019.

SERRA, Dayse. **"Alfabetização de alunos com TEA"**, VOL3. Editora WAK, Rio de Janeiro, 2ª edição, 2019.

SHEFFER, Edith. "Crianças de Asperger: As origens do Autismo na Viena Nazista", São Paulo, Editora Record, 2019.